



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Revista Natureza

Data: 05/2009

Caderno / Página: Dicas Profissionais / 92 a 98

Assunto: ESALQ para estudar e passear

NATUREZA PROFISSIONAL

Aqui o paisagista fica por dentro do que acontece no mercado

>> DICAS PROFISSIONAIS POR GABI BASTOS

Para estudar e passear

Conheça a história da Esalq, uma instituição de ensino admirável com um impressionante parque para visitaçào

Não existe curso superior de paisagismo, mas conhecer botânica é um requisito essencial. Por isso, muitos profissionais da área se formam em Engenharia Agrônômica. Nesse campo, uma das melhores do Brasil é a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), localizada em Piracicaba, interior de São Paulo. Instalada numa área de mais de nove milhões de m², a faculdade também é um passeio imperdível para quem gosta de plantas ou estuda paisagismo.

A Escola inaugurada há mais de 100 anos é uma das unidades fundadoras da Universidade de São Paulo e abriga o único parque em estilo inglês do País.

ESCOLA NA PRÁTICA

O idealizador da Escola de Agronomia foi Luiz Vicente de Souza Queiroz, um aristocrata, filho do Barão de Limeira. Encantado com os avanços tecnológicos do século 19, Queiroz teve o sonho de criar uma Escola de Agricultura mais prática do que teórica e ajudar

na modernização do Brasil. Para tanto, adquiriu uma fazenda, viajou para a Europa e os Estados Unidos, onde encomendou projetos e comprou os maquinários necessários. Mas foi mal compreendido por parte dos políticos do Executivo e Legislativo do Estado de São Paulo e nunca conseguiu o alvará para o funcionamento da Escola. Para ter seu sonho realizado, foi obrigado a doar as terras e as benfeitorias ao Governo, que prometeu terminar de construí-la em dez anos.



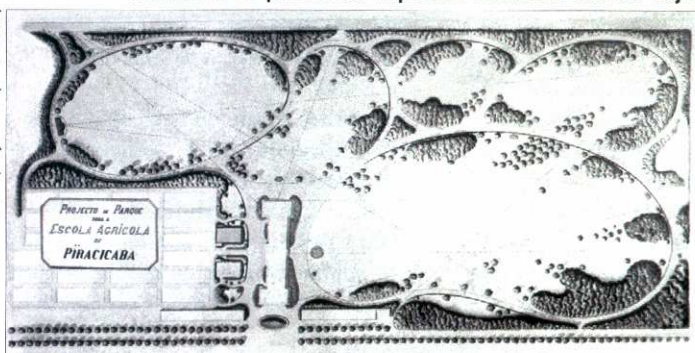
Esalq: mais de um século dedicado ao conhecimento sobre plantas



O projeto original de Puttemans (abaixo) e uma das alamedas de palmeiras-imperiais 100 anos atrás e hoje



Foto e projeto: arquivo Esalq



Infelizmente, morreu dois anos antes de a Escola que imaginou ser inaugurada, em 1901.

De lá para cá, a Esalq foi responsável por importantes contribuições à agricultura brasileira. Em seus laboratórios surgiram novas variedades de plantas, soluções para controle de pragas e doenças, desenvolvimento de máquinas agrícolas... Hoje, a Universidade oferece cursos de Engenharia Agrônômica e Florestal, fora outras 15 pós-graduações e outros tantos cursos extracurriculares. Ana Liner Pereira Lima, professora da Esalq há 29 anos, indica para os profissionais já formados uma pós-graduação em fitotecnia, ciência que estuda as plantas em profundidade e pode ser uma boa ajuda na carreira.

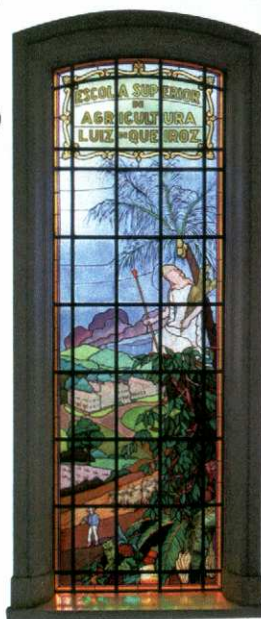
A Esalq também incentiva o intercâmbio com universidades estrangeiras e mantém relações estreitas com a Universidade de

Wageningen, na Holanda e com a University of Illinois at Urbana-Champaign (UIUC), nos Estados Unidos.

SOBRE O PARQUE

Projetado pelo arquiteto paisagista belga Arsenio Puttemans – o mesmo que criou o jardim do Museu do Ipiranga (São Paulo, SP) e a Praça de São Bento (Niterói, RJ) –, o Parque da Esalq caracteriza-se por maciços distribuídos em linhas que os paisagistas chamam de “visadas”, e criam a ilusão de um bosque natural. Os prédios e construções são observados em meio a árvores e os caminhos são

O vitral que apresenta cenas do cotidiano agrícola da Escola é um dos símbolos da Esalq



todos alamedas riquíssimas em plantas dos mais variados portes.

Vale ressaltar o paisagismo ao redor do prédio central, que conta com palmeiras-imperiais, uma imensa área gramada e espelhos d’água que atraem garças e outras aves para o local. “Mas é preciso observar esse paisagismo com senso crítico. Ao longo dos anos, o projeto original sofreu alterações que o comprometeram um pouco. Como o portão aberto em meio ao bosque que ofereceu vista para a cidade, ou o tamanho dos maciços que cresceram e já não proporcionam a mesma perspectiva”, explica Otavio

Valerio Romahn

O Parque da Esalq é o único em estilo inglês do Brasil

Augusto Faria, engenheiro agrônomo formado pela Esalq.

Embora o projeto do Parque seja de Puttemans, a execução da área foi responsabilidade de Luiz Teixeira Mendes, professor da Escola na época, e não é sabido se o paisagista listou ou deu sugestões do que plantar. Por isso, é difícil precisar quais as espécies utilizadas no jardim original, nem o que foi cultivado ou brotou de maneira espontânea depois. O certo é que foi muito trabalhoso implementar o projeto, pois os solos mais férteis foram destinados a fins agrônômicos, sobrando para o paisagismo um solo de camadas densas de siltito, um tipo de rocha sedimentar. Foi preciso mobilizar

centenas de homens, durante um bom tempo, para quebrar essas rochas, removê-las e substituí-las por uma camada de 1,5 m de profundidade de terra fértil. Os especialistas dizem que plantar árvores, algumas com potencial para atingir mais de 30 m de altura, nesse local foi uma utopia que deu certo.

Passear pelas suas ruas e alamedas, além de ser agradável, surpreende. É possível, por exemplo, contemplar a maneira curiosa como as novas folhas da rosa-da-montanha (*Brownea grandiceps*) se desenvolvem: elas são compostas e nascem protegidas por um tipo de casulo, de início rosadas, mas vão ficando verdes à

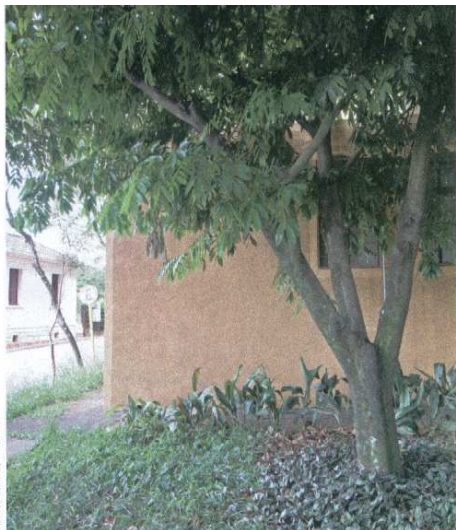
medida que crescem. Ou então, apreciar em pinheiros-do-brejo (*Taxodium distichum*) pneumatóforos, que são estruturas radiculares de revestimento relativamente esponjoso, que crescem para cima do solo e permitem que as raízes respirem quando o terreno é alagado. Ou ainda se admirar com a florada de árvores como o flamboyant (*Delonix regia*), que simboliza a Esalq.

Outro destaque da escola é seu prédio central em estilo neoclássico projetado pelo arquiteto inglês Alfred Branford Hutching. Em seu hall há um vitral com cenas do cotidiano agrícola da escola. A obra é creditada a Conrado Sorgenicht,

A maneira como os maciços de plantas foram distribuídos cria a ilusão de ser um bosque natural

Valerio Romahn





As novas folhas da rosa-da-montanha se desenvolvem de maneira muito curiosa: elas nascem protegidas por um tipo de casulo, de início rosadas e vão ficando verdes à medida que crescem

considerado o maior vitralista brasileiro. Além disso, a Esalq abriga um museu, montado onde antigamente era a residência do diretor; uma usina de força movida a óleo diesel inaugurada em abril de 1920 e hoje desativada e um bonde fabricado em 1916, entre outras obras de artes e monumentos históricos. São tantas as atrações que, em 2006, parte da Esalq foi tombada pelo

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

VISITAÇÕES

O Parque da Esalq é aberto à visita pública e grupos de pessoas podem agendar passeios monitorados. Quem preferir pode realizar as trilhas sugeridas no site www.esalq.usp.br/trilhas. Elas estão divididas por temas, como

“palmeiras”, “frutíferas” e “árvores úteis”. Pelo site, também é possível imprimir o mapa de cada trilha e conhecer as características das plantas encontradas durante o percurso.



PARA SABER MAIS

Tel.: (19) 3429-4404; site: www.esalq.usp.br
 Consultoria: **Otávio Augusto Faria** (engenheiro agrônomo), e-mail: otavio.faria@gmail.com e
Ana Limer Pereira Lima (engenheira agrônoma)

No passeio é possível admirar a flora do flamboyant e os curiosos pneumatóforos, um tipo de estrutura radicular



>> BATE-PAPO NO JARDIM

POR RAUL CÂNOVAS, ROBERTO ARAÚJO E MANOEL DE SOUZA

Palavra de mestres

Em visita à Esalq, a **Revista Natureza** conversou com os professores Demóstenes Ferreira da Silva Filho e Ana Maria Liner Pereira de Lima. Aos 43 anos, Demóstenes é Mestre e Doutor em Agronomia e leciona várias disciplinas relacionadas à arborização urbana. Já Ana Maria, 51 anos, é professora da Esalq há 29 anos e ministra vários cursos, entre os quais o de Fitotecnia, uma ciência que estuda as plantas em profundidade e, por isso, é muito útil para quem quer atuar como paisagista.

No bate-papo eles dão conselhos para quem quer seguir a carreira de paisagista e sugerem cursos que ajudam na especialização, uma vez que não existe no Brasil uma faculdade 100% focada no ensino do paisagismo.

Roberto Araújo: Curto e grosso: qual a função de um paisagista?

Ana Maria Liner: Trabalhar a paisagem e dar um retorno ecológico e não só fazer o que as pessoas esperam. Não adianta trabalhar deliberadamente numa paisagem que se perderá ao longo de alguns anos. É preciso pensar em termos de ecologia e sustentabilidade. Então, o paisagista tem que conciliar uma construção criativa e, ao mesmo tempo, conservacionista. O verdadeiro paisagista sabe o que as pessoas querem e o que pode ser feito; e aquilo que as pessoas não enxergam e deve ser feito.

Manoel de Souza: O paisagismo atual é diferente do realizado décadas atrás?

Ana Maria: Na década de 1920 ou de 1940, os profissionais tinham menos conhecimento mas, ainda assim, conseguiam implementar grandes parques, grandes jardins e a arborização era maravilhosa. Hoje em dia, quase não temos arborização nas

idades. Como atualmente são usados mais arbustos do que árvores, não existe mais aquela coisa bonita de antigamente. Os grandes parques como o D. Pedro II, em São Paulo – que foi um parque maravilhoso – não existem mais. Hoje existe a necessidade de parques e áreas agradáveis para o lazer das pessoas. Além disso, todos nós precisamos do verde, de áreas permeáveis para haver infiltração de água no solo, de grandes árvores para amenizar a temperatura...

Roberto: E qual a atribuição de um paisagista?

Demóstenes Ferreira: Hoje há arquitetos e agrônomos que saem com atribuição de paisagista. Mas a verdadeira formação de um paisagista deveria aliar toda a questão de ecologia da paisagem, geografia, conforto climático, antropologia, botânica, desde a



Roberto Araújo

Demóstenes e Ana: professores empenhados em ensinar um paisagismo mais ecológico





Manoel de Souza

Ana Maria e Raul entre os canteiros de flores da Esalq, em Piracicaba

genética até a conservação de um ecossistema. Na faculdade de Agronomia, aprende-se a parte botânica, como conhecimento das espécies, da fisiologia, dos solos. Da faculdade de Arquitetura, vem as noções de construir e estruturar os espaços e um conteúdo da parte de humanas.

Roberto: Como assim “humanas”?

Ana Maria: Não adianta construir uma praça e dar uma característica moderna ao espaço. Assim, você destrói a parte humana, a história do local.

Roberto: Há diferença entre um paisagista que cuida de jardins públicos e o dos residenciais?

Demóstenes:

As atribuições e responsabilidades são iguais porque o jardim doméstico também está inserido no contexto de ecossistema, independentemente do bioma.

Ana Maria: Uma coisa importante: o paisagista até pode trabalhar com plantas que não são nativas do ambiente, mas não dá para sair da base ecológica do espaço. Sempre digo que a beleza tem que ser a consequência e não o objetivo. Quando só se busca beleza, você pode fazer muita bobagem. No primeiro momento, o jardim fica bonito. Mas não dura nada.

Roberto: Então não seria o caso de

separar o paisagismo de verdade daquele que é só “cenário”?

Ana Maria: Acho que não. O paisagismo pode fazer uma coisa boa ou ruim, mas é tudo paisagem. Para distinguir o que é bom ou não, o mais importante é ver a durabilidade do projeto em médio e longo prazos.

Raul Cânovas: O Parque da Esalq é considerado um bom projeto paisagista, não é?

Ana Maria: Sim. Na época da criação do Parque da Esalq, no começo do século 20, foram plantadas apenas espécies exóticas, pois pouco se conhecia sobre as plantas brasileiras. Mesmo assim, foram escolhidas exóticas que se adaptaram às condições do Parque e se adequaram ao

bioma local. O projeto foi muito bem pensado e, ao longo desses 100 anos, essas espécies foram sendo substituídas. Segundo um dos nossos professores de Botânica, hoje 90% do Parque é constituído por plantas nativas.

Roberto: Como funciona a questão da moda no paisagismo?

Ana Maria: A moda sempre surge com as plantas trazidas de outros países geralmente por paisagistas famosos. Essas plantas são bonitas, diferentes e acabam virando tendência. E isso também está muito ligado com a comercialização nos viveiros. E como

“Sempre digo:
a beleza tem
que ser a
consequência,
não o objetivo”

Ana Maria Liner

“Foi comprovado que bairros com maior área verde têm pessoas mais saudáveis”

Demóstenes Ferreira



Roberto Araujo

no paisagismo temos ciclos, teve época em que samambaia era moda, tinha colecionador e tudo mais. Depois que todo mundo tinha, sumiu. Agora voltou. Mas, quando a planta é bonita, nunca vai sumir.

Manoel: Essa busca por novidades não cria o perigo de se utilizar plantas exóticas das quais não sabemos os resultados no meio ambiente?

Demóstenes: Sim. Uma planta de outro ecossistema pode se transformar em invasora. Todo ecossistema tem espécies invasoras e isso, muitas vezes, foi causado por paisagistas.

Raul: Existe alguma responsabilidade civil para o paisagista que usa plantas que causem prejuízos?

Ana Maria: Não, porque os prejuízos

surgem em longo prazo. Isso é uma coisa muito séria. A maioria dos paisagistas traz mudas escondidas na mala e isso esbarra numa questão de responsabilidade. Muitas espécies podem vir com pragas e doenças que vão se alastrar.

Manoel: Mais importante do que trazer plantas novas, não é dar uma cara nova para as tradicionais?

Ana Maria: Com certeza. Quer um exemplo? Acho a nossa palmeira carnaúba muito mais bonita do que a palmeira-azul (*Bismarckia nobilis*). A *Bismarckia* dá um impacto enquanto é nova. Já a carnaúba é para a vida toda.

Roberto: Que retorno seus alunos, que serão paisagistas no futuro, dão sobre a profissão?

Ana Maria: Essa é uma das coisas

mais gratificantes da minha profissão. Os jovens têm vontade de mudar e se entusiasma muito. Infelizmente, o mercado de paisagismo é muito competitivo e, às vezes, os paisagistas recém-formados não insistem o suficiente para conseguir atuar na área. O aluno não pode achar que teve tudo na faculdade. Ele tem que buscar outras coisas. Só enfrentando a vida prática é que vai realmente aprender o que falta.

Demóstenes: O conteúdo de minhas aulas é mais restrito a árvores e áreas urbanas, focado nas questões públicas e sociais. Como a função das árvores no espaço urbano, por exemplo. O interessante é que os alunos têm saído da faculdade com outra visão e, com isso, estão contribuindo para a sociedade. Eu falo muito para o aluno ser humilde e ético. Os cinco anos aqui na faculdade dão um diploma, mas o aluno ainda está em construção.

Manoel: Como se ensina sobre a falta de harmonia entre o concreto e o verde numa cidade caótica como São Paulo?

Demóstenes: O que nós passamos é a questão das políticas públicas. O prefeito, o vereador e outros precisam entender que eles são responsáveis pela saúde das pessoas. Foi comprovado que bairros com maior área verde têm pessoas mais saudáveis, com menor índice de obesidade. Se as pessoas estão em um ambiente mais agradável, saem para andar, praticam atividades físicas e emagrecem. Hoje se fala muito em qualidade de vida, e a cidade tem pouca, devido ao trânsito excessivo, à poluição sonora e do ar... As árvores podem amenizar os impactos negativos desses fluxos urbanos.

A partir da esquerda:
Raul, Demóstenes, Ana e Roberto



Manoel de Souza